

DIREITOS HUMANOS, OS BAHÁ'IS E O ORIENTE MÉDIO

Entrevista de Marcos Alan S. V. Ferreira e Flavio Rassekh ao boletim *Malala*¹

O ano de 2014 começa com grandes desafios para o Oriente Médio e para Mundo Muçulmano. Dos impasses entre Israel e os palestinos, a transição de poder no Irã e ainda podemos observar desdobramentos sociais, culturais e políticos da Primavera Árabe. Em meio a estes desafios políticos, também temas históricos seguem na agenda da política internacional. Dentre eles o papel dos direitos humanos e de instituições e regimes internacionais como por exemplo as próprias Nações Unidas que podem ser tanto um fórum para a discussão de ideias e de alternativas políticas como também um símbolo da ineficácia e das dificuldades de se avançar em temas tão sensíveis.

Para discutir estes temas entrevistamos Marcos Alan S. V. Ferreira, Docente do Departamento de Relações Internacionais na Univ. Federal da Paraíba (UFPB) e coordenador do Grupo de Estudos em Religião e Relações Internacionais na mesma instituição e Flavio Rassekh, ligado a comunidade Baha'i brasileira e ativo nas discussões em fóruns internacionais que envolve o Irã, os Direitos Humanos e os Baha'is.

Boletim *Malala*: Marcos, gostaria que você contasse um pouco dos rumos que sua pesquisa está tendo no pós-doutorado. Embora possamos dizer que você ainda seja um “recém doutor”, li hoje uma citação num artigo de Pierre Bourdieu na qual ele dizia que “pensadores e intelectuais são como navios de cruzeiro, levam um tempo inacreditavelmente longo para mudar de direção”, isso quer dizer que provavelmente suas inquietações de hoje, os temas que te incomodam ainda dialogam e trazem muitos

¹ Entrevista realizada por Ariel Finguerut.

dos temas e da suas pesquisas mais antigas. Se você puder, nos conte quais são os temas que te incomodam e seus desafios intelectuais até e neste momento.

Marcos Alan: Minha pesquisa de doutorado em ciência política, defendido em 2010 na UNICAMP, versou sobre as acusações de que haveria financiamento ao terrorismo na Tríplice Fronteira Argentina, Brasil e Paraguai. Especificamente, fiz uma análise comparada da visão do governo brasileiro e do norte-americano no período pós 11 de setembro. Ao me enveredar por essa pesquisa, inevitavelmente precisei entender mais a fundo o que se entende hoje por terrorismo, por que o Islã é rotulado como uma Fé radical e quais as implicações dessas percepções. Na prática, me incomodava a visão de que o muçulmano fosse rotulado e tivesse seus direitos civis limitados pelo fato de duas dezenas de homens da mesma religião ter cometido um ato condenável em território estadunidense. Ainda mais, tenho a visão de que, em uma perspectiva histórica, as grandes religiões tiveram um papel importante na construção de civilizações, de uma *Weltanschauung* que permitiu avanços científicos marcantes e efetivos na história humana – vide os avanços na época áurea do Islã. Nesse sentido, mais do que uma visão comum de que a religião é fonte de conflitos, uma questão que se manteve em minhas pesquisas foi como ela pôde então construir padrões de convivência e estrutura social que perduram por milênios. Voltando a minha pesquisa de doutorado, com uma contribuição especificamente singela, tentei mostrar como se construiu essa visão negativa da comunidade muçulmana que vive na Tríplice Fronteira e as implicações desse olhar negativo que foi historicamente construído. Como continuidade desse empreendimento de superar uma visão negativa da religião - mas sem deixar de lado a criticidade a esse elemento cultural tão importante na grande maioria das culturas humanas - hoje me desdobre em duas frentes de pesquisa: os desafios para a construção da paz na América do Sul e o papel da religião nas Relações Internacionais. Na primeira frente, à luz da obra do norueguês Johan Galtung, tento retomar um pouco da minha trajetória como um bacharel em Ciências Sociais ao compreender a questão da paz com uma perspectiva que supera a simples luta de poder entre os Estados. Valores culturais, religiosos e políticos que promovam a cultura de paz - tenho como hipótese - são fundamentais na construção de uma região mais pacífica. Já a segunda frente entra em um empreendimento mais teórico, de rever os conceitos e obras que buscam entender o

papel da religião e da cultura na diplomacia - em que a Escola Inglesa² se destaca em seu primeiro momento - para superar aquela visão dita anteriormente de que a religião é fonte de conflito. Mais que isso, concebo que a religião é um sistema de conhecimento importante para uma parcela significativa (aliás, a maioria) da humanidade. O que isso significa? Que para muitos habitantes do planeta, o que é considerado verdade e o que é fonte de compreensão e Guia provém de um Livro Sagrado ou de uma crença transcendental. O outro sistema de conhecimento da humanidade - a ciência - é igualmente importante e jamais deve ser negligenciado, com o risco de cairmos nas armadilhas da superstição cega, algo já visto na Idade Média. Dentro desse panorama, como o campo de conhecimento das Relações Internacionais encara a religião? Quais as perspectivas teóricas e o arcabouço conceitual construído em torno do tema? Quais são as áreas que podemos avançar? Essas são algumas das questões que martelam minha mente e me impelem a investigar mais a temática.

B.M.: Entremos agora numa discussão mais específica sobre Oriente Médio, Islã e os Baha'is. Como você avalia os estudos e os trabalhos que estão sendo feitos no BR sobre estes temas? Há uma tendência de estudos que se dizem “críticos”, que buscam “outros olhares” mas que muitas vezes caem numa “defesa” ou se propõem há fazer uma “denúncia” de velhos temas como imperialismo, orientalismo, islamofobia etc. Me parece que a antiga tradição de estudos mais geopolíticos, com enfoque na segurança por exemplo, está em baixa. Qual sua avaliação do atual momento nos estudos “sobre oriente médio e mundo muçulmano” ? Se possível gostaria que você comentasse também sobre as pesquisas e trabalhos que visam informar e também denunciar a situação dos Baha'is no Oriente Medio. Que avaliação você faz destes trabalhos ? A sociedade internacional hoje não pode mais alegar que desconhece o que se passa com os Baha'is , principalmente no oriente médio?

M.A.: Meu envolvimento com a Fé Bahá'í, se deu a partir do conhecimento junto a um colega de universidade. A partir daí, houve uma simpatia com o que ela propõe que fez com que eu escolhesse suas ideias como guia até os dias atuais. Hoje estou mais envolvido com os programas educacionais promovidos pela Fé na região Nordeste, em

² Para maiores informações sobre a escola Inglesa das relações internacionais conferir <http://www.polis.leeds.ac.uk/research/international-relations-security/english-school/>. Acesso em: 22 jan. 2014.

especial com o Instituto Ruhí que promove educação voltada a virtudes e ação social para crianças e adolescentes.

Assim como em boa parte do planeta, sinto que infelizmente há uma abordagem maniqueísta na maneira como se trata o Islã e o Oriente Médio. De um lado, se adota uma postura condescendente com Israel e as potências ocidentais que se soma muitas vezes a uma simplificação do que é o Islã. De outro, há uma criticidade a Israel, às potências ocidentais, mas se perdem de vista algumas violações graves aos direitos humanos capitaneados por países de maioria islâmica. Ao generalizar, não deixo de reconhecer que há exceções. Mas infelizmente se segue esse caminho que não permite o diálogo entre diferentes visões do que é o Islã, o Oriente Médio e o papel de Israel na região. Acho que isso é um resultado dos embates políticos que envolvem esses atores e que se transladam para a academia. Quanto a Fé Bahá'í, a temática ainda é raramente trabalhada no Brasil, embora no exterior tenhamos inclusive uma associação de estudos dessa religião, a *Association of Bahá'í Studies*, tal é a importância de compreender academicamente uma religião que tem mais de 6 milhões de adeptos. Penso que esses números pequenos de estudos não são exclusivos para a questão bahá'í. Os estudos de Oriente Médio, de uma maneira geral, tem ainda um número pequeno de pesquisadores no Brasil - o que torna ainda mais importante uma iniciativa como desse boletim. O Oriente Médio guarda uma complexidade de línguas, etnias, grupos políticos, que demandam uma compreensão ampla da região para além de uma simplificação geopolítica. Áreas como Antropologia, Sociologia e Ciência Política são fundamentais para a compreensão da região e a superação das fragilidades que você aponta na pergunta. Sobre os trabalhos que tratam dos bahá'ís e o Oriente Médio são quase inexistentes na academia. O que existe - com considerável força - são relatórios dirigidos de ONGs focadas em Direitos Humanos e algumas breves menções na imprensa. Embora o mundo não mais desconheça os absurdos e limitações de direitos dos bahá'ís no Irã e, em menor medida, Egito e algumas outras nações do Oriente Médio, há uma grande lacuna de estudos sobre o tema dentro da academia brasileira.

B.M.: Seguindo no tema “a situação dos bahais” no oriente médio. Falemos mais especificamente do Irã. Estamos agora num momento de transição política, após 8 anos da presidência de Mahmoud Ahmadinejad - marcados por um retórica para alguns

populista, para outros nacionalista mas sobretudo com forte elementos antissionistas, antisemitas e também com grande autoritarismo frente os seus críticos, tanto domésticos como externos. Vivemos agora o início do governo de Hassan Rouhani – que não só sinaliza uma tentativa de diálogo com os EUA como ao contrário de Ahmadinejad, não nega o holocausto. Gostaria de saber sua avaliação tanto do governo Ahmadinejad, como das primeiras iniciativas do governo Rouhani e se possível, gostaria que em sua resposta você destacasse a relação dos Bahai's com o regime iraniano.

M.A.: No governo Ahmadinejad vimos uma piora considerável da situação dos direitos humanos no Irã. Para além das limitações impostas aos bahá'ís no acesso à educação superior e a prisão de lideranças religiosas que até hoje permanecem encarcerados - os Yarán -, outras minorias como cristãos, jornalistas, homossexuais e curdos sofreram violações dos seus direitos no Irã. Já no governo Rouhani, ainda é difícil avaliar o quanto ele avançará nessas questões. Não obstante seu discurso, os jovens bahá'ís em idade universitária continuam impedidos de denominar sua crença nos formulários de admissão no ensino superior. Os Yarán continuam presos sem uma perspectiva de libertação no horizonte - pessoas que foram presas simplesmente por professar uma Fé. Sobre a relação dos bahá'ís com o regime, qualquer ligação foi interrompida após a Revolução Islâmica de 1979. Funcionários e administradores públicos bahá'ís foram demitidos e alvarás de funcionamento de comércio de bahá'ís foram cancelados em diversas partes do país. O grande problema é que a cúpula do governo vê a religião bahá'í como uma heresia. Algo parecido e visto por setores radicais da população. Como Bahá'u'lláh - Profeta Fundador da Fé Bahá'í - professou sua missão em 1863, isso é considerado heresia pois há uma interpretação do ramo do Islã que esteve no governo de que Muhammad é o selo dos Profetas e qualquer um que se diga Profeta após a vinda dele, seria um herege. Não obstante, o trecho do Alcorão que se refere a Muhammad como selo dos Profetas é interpretado pela Fé Bahá'í como uma alusão de que o Profeta do Islã foi o último dentro de um ciclo que vai de Abraão a Maomé e que o Báb (Mirzá Ali Muhammad, arauto da Fé Bahá'í) inicia um novo ciclo. Em resumo, a interpretação de um grupo específico - que hoje está presente no governo - acaba por gerar essa perseguição contra a maior minoria religiosa do Irã. E vale também uma observação: por ser uma minoria com dezenas de milhares de adeptos, é comum os iranianos conhecerem alguém que seja bahá'í. Nesse sentido, há uma convivência amistosa com

boa parte da população, não obstante a propaganda contrária feita pelos órgãos governamentais. Os trabalhos sociais de educação, somados ao sofrimento dessa minoria, geram também uma simpatia que é expressa nos círculos sociais privados. As hostilidades vêm hoje principalmente do governo e de setores radicais.

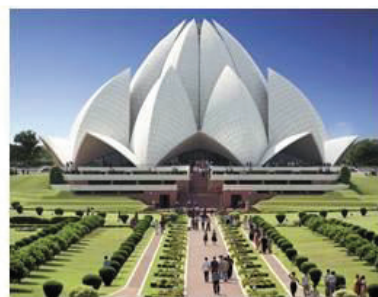
B.M.: Os Bahai's estão também presentes em Israel e fazem não só por lá mas em muitos lugares trabalhos voltados para a paz e para a cultura de paz. Gostaria primeiro de ter sua avaliação sobre a situação de Israel, tanto frente a seus vizinhos (como Irã, Egito e os palestinos) mas também em relação aos Bahai's e em seguida gostaria de ter sua percepção quanto ao que a cultura de paz ensinada pelos grupos Bahai's pode contribuir para a conjuntura muitas vezes bélica que cerca o estado de Israel.

M.A.: A Fé Bahá'í, assim como outras grande religiões como o Cristianismo, Judaísmo e Islã, tem Israel como uma Terra Sagrada por conta do falecimento de Bahá'u'lláh ter sido ali, além das diversas menções em Textos Sagrados bahá'ís sobre a sacralidade daquele local. Sobre a questão geopolítica em si, a comunidade bahá'í tem como princípio o não envolvimento em política e evita tem uma visão crítica oficial a um ou outro lado da questão que envolve Israel e seus vizinhos. Essa postura não é uma mera acriticidade, mas está em consonância com o princípio fundamental da Fé Bahá'í que é a unidade. Na complexidade que é a região, um posicionamento mais firme de um lado ou outro seria contraditório com o princípio fundamental da Fé. Permeando toda a sua teologia e Escrituras, encontramos nessa religião a defesa de que a humanidade é uma, de que as guerras devem cessar e que, em última instância, nas palavras de Bahá'u'lláh, "a terra é um só país e os seres humanos seus cidadãos". Os adeptos da fé Bahai ao redor do globo tem se focalizado na promoção de processos educacionais que empoderam adolescentes e crianças a pensarem alinhados com uma cultura de paz. Diante de um mundo com um viés conflituoso em detrimento de um mutualismo e altruísmo, essa educação pela paz vinda das bases visa superar no longo prazo os conflitos religiosos, étnicos e sociais que hoje temos. Ou seja, há nos processos educacionais bahá'ís um senso de urgência perante a situação do mundo hoje, porém urgência sem significar pressa. Urgência no sentido que o trabalho deve começar agora para que os frutos desse trabalho longo sejam colhidos mais rapidamente. Além disso, a educação é vista como um processo de teoria e prática, em que os envolvidos devem atuar pela melhora de suas comunidades

de distintas maneiras. Esse trabalho de "formiguinha" que fortalece o indivíduo e as comunidades, tem sido o foco da comunidade bahá'í e encontra eco em todos os cantos do planeta, com força especial hoje na África e Ásia.

Alguns fatos básicos sobre os Bahais

- A fé Bahai reconhece Bahá'u'lláh como mensageiro de deus e é em torno de suas ideias e ensinamentos que organizou a fé bahai. Um bahai é um seguidor de Bahá'u'lláh. Para os Bahais, todas as religiões são expressões de um único plano divino e ela prega a unidade espiritual da humanidade.
- Cada religião responde a seu tempo. Jesus, Maomé, Moisés, Krishna e Buda seriam da mesma forma mensageiros de deus, cada um seu tempo. E a mensagem religiosa Bahai não os exclui
- Bahá'u'lláh nasceu numa família e numa sociedade muçulmanas. Portanto a fé Bahai emergiu de um contexto islâmico. Apesar de ter nascido em um contexto islâmico, ela é uma religião independente com suas próprias leis e Escrituras.
- Alguns princípios da fé Bahai são:
 - A vida é um processo de aprendizado
 - Estar atento as causas sociais e progressistas (combater a pobreza, fomentar educação etc)
 - Defender a igualdade como instrumento para combater preconceito e o racismo.
 - Defender a paz entre todos os povos, nações e religiões, sem contudo se envolver com partidos ou movimentos políticos
 - Ter uma organização religiosa não monástica e com uma prática não ritualística.
- A sede mundial dos Bahais fica em Haifa/Akka, norte de Israel mas os bahais estão espalhados pelo mundo todo.
- No Irã os Bahais são a maior comunidade religiosa não muçulmana (algo em torno de 300 mil pessoas). A fé Bahai não é considerada uma religião legítima pelo regime de Teerã. Por isso centenas de bahais já foram executados e outras centenas já foram presos. Segundo diferentes Ongs independentes, as prisões e execuções de bahais seguem e estão crescendo. No Egito também a notícias de perseguição aos Bahais.
- No mundo toda calcula-se que os bahais são entre 5 e 8 milhões.
- Fonte e mais informações em: <http://www.bahai.us>
Acesso em: 24 jan. 2014



Templo Bahai em Nova Deli, Índia.

B.M.: Flávio, você poderia nos contar um pouco dos seus trabalhos e projetos e de seu envolvimento com a fé Bahá'í nos últimos anos?

Flavio Rassekh: A minha atuação dentro da comunidade Bahá'í acontece em duas frentes, uma é administrativa, participando do Assembleia local dos Bahá'ís de SP (grupo de 9 pessoas eleitas anualmente pela comunidade) e a outra é individual e está ligada a defesa dos direitos humanos no Irã. Acho importante destacar que dentro do modelo Bahá'í de governança não existem líderes pessoais, as decisões são tomadas por

essas Assembléias que tem a função de zelar pelo desenvolvimento da comunidade além de contribuir para o bem estar da população da cidade onde estão estabelecidas.

Na questão da defesa das minorias que sofrem perseguição no Irã, a minha função tem sido nesses últimos 5 anos trazer para o conhecimento da mídia e dos meios acadêmicos informações confiáveis e uma breve contextualização das notícias que recebemos todos os dias daquele país. Nesse período fiz palestras sobre a política interna iraniana e as relações entre o Brasil e Irã em diversas universidades, entre elas a PUC, USP, ESPM e FGV além de participar de debates sobre a primavera árabe/persa e as manifestações de 2009. Como resultado desse trabalho em 2011 fui convidado a ser o representante da ONG United4Iran no Brasil. Também contribuo regularmente para o serviço da BBC em Persa sobre as relações entre o Brasil e Irã.

Um das bandeiras que tenho defendido como ativista é a total liberdade de expressão e credo dentro da nação persa. Apesar dos acenos do presidente Rouhani ao ocidente, não acredito em uma abertura política real enquanto os 7 líderes Bahá'ís do país ainda estiverem presos, jornalistas e escritores sejam tratados como criminosos e homossexuais continuem a ser enforcados em praça pública, isso sem falar sobre os cineastas e advogados que são diariamente impedidos de exercer sua profissão. Existe uma nova lei promulgada em 2011 que impede que mulheres se matriculem em mais de 40 cursos superiores nas áreas de exatas e tecnologia. Se essa nova onda progressista liderada pelo clérigo Rouhani é verdadeira esperamos que ele revogue essa lei e abra as portas das universidades a essas jovens e também aos Bahá'ís que são impedidos de estudar em toda e qualquer instituição de ensino superior do país.

B.M.: Você tem acompanhado e participado de alguns reuniões e assembleias da ONU. Qual sua percepção sobre o papel da ONU na política internacional contemporânea? Muitos já decretaram por exemplo a morte da ONU na medida em que ela não consegue responder e ter o protagonismo que muitos dela esperam. Há casos por exemplo de violações aos direitos humanos que ficam impunes, e a dificuldades em se avançar em temas da governança global (como combate a fome, as mudanças climáticas etc., mas também por outro lado algumas discussões e alguns fóruns só poderiam ocorrer numa esfera como a ONU, que ainda consegue mobilizar a opinião pública e que ainda tem

respaldo da imensa maioria dos países, nem que seja mais diplomaticamente do que com resultados tangíveis. Qual sua avaliação e qual a importância que a ONU tem para os temas e para as preocupações da comunidade Bahá'í que estão por todo mundo ?

F.R.: Acho que vale a pena lembrar a seguinte citação: "A unificação da humanidade inteira é a etapa distintiva da qual a sociedade humana atualmente se aproxima. A unidade da família, a da tribo, a da cidade-estado e a da nação foram sucessivamente tentadas e completamente estabelecidas. A unidade do mundo é agora a meta em direção à qual a humanidade aflita se encaminha. O processo de formar nações já chegou ao fim. A anarquia inerente à soberania estatal aproxima-se de um clímax. Um mundo em amadurecimento deve abandonar esse fetiche, reconhecer a unidade e a universalidade das relações humanas e estabelecer de uma vez por todas o mecanismo que melhor possa concretizar este princípio fundamental da sua vida." (Shoghi Effendi³, 1936)

Tive a oportunidade de participar de vários encontros das Nações Unidas nesses últimos anos e percebo que está claro para todos os países representados na ONU, menos talvez para os 5 membros permanentes do CS, que as reformas já deveriam ter acontecido há mais de 30 anos, seguindo a queda da antiga União Soviética e a abertura dos países do leste europeu. A paralisia dos organismos ligados à instituição hoje não revela que o conceito da ONU esteja essencialmente errado mas sim que ele deveria ser constantemente aprimorado no tempo para responder as novas realidades e necessidades de um mundo cada vez mais conectado e interdependente. A relação de poder já não é a mesma do mundo pós segunda guerra mundial mas a estrutura da instituição ainda é a mesma.

Em resumo, os Bahá'ís acreditam que a ONU é o embrião de um modelo de organização federativa de países que no futuro atuará sim com legitimidade pelo bem estar de todos os estados membros e não como representante de interesses pessoais de algumas nações que tem ambições hegemônicas ou de grupos que só pretendem manter o status quo na disputa regional por poder. Apesar de todas essas críticas acredito que

³ Líder da fé Bahá'í entre 1921 até 1957, ano de sua morte.

estaríamos muito pior hoje sem essa ONU que temos ai (e o forum de discussões que ela nos proporciona).

Julho desse ano marcou o 99º ano do começo da 1ª Guerra Mundial, a Liga das Nações foi criada ao final da guerra em 1918 por um pequeno grupo de países para tentar administrar conflitos e evitar uma nova carnificina. Apenas 30 anos depois nasce a ONU depois dos horrores de um conflito ainda maior. Eu me pergunto: que tipo de situação faria com que comunidade internacional percebesse que uma terceira versão mais aprimorada e equitativa dessa organização supra nacional precisa tomar forma urgentemente!? Precisaremos de um novo conflito em grande escala para que as reformas necessárias na ONU sejam realizadas?

Tenho claro para mim que existem dois processos acontecendo concomitantemente no mundo hoje: o primeiro processo é de desintegração de todos os modelos de organização social fundamentados na estrutura do estado nacional arcaico e nas instituições religiosas ligadas as elites dominantes desses países. Não existe uma instituição hoje, seja do executivo, judiciário ou do legislativo, que não tenha perdido a sua legitimidade com a população por conta de acusações de corrupção e tráfico de influências. Nenhum grupo religioso do passado passou incólume pelo escrutínio da população que hoje exige cada vez mais transparência de seus líderes. Por outro lado existe um processo positivo de integração não institucionalizado alavancado pelos avanços da tecnologia da informação que aproximam os indivíduos independentemente de suas origens étnicas religiosas e nacionais. Esse processo de "unificação" e integração derrubou todas as fronteiras do estado nacional e sinaliza para um mundo progressivamente muito mais unido nos próximos 50 anos. O movimento ambientalista mundial, fruto dessa nova consciência global, também nos ajuda a ter uma compreensão menos fragmentada da nossa relação com o espaço onde vivemos.

Voltando a ONU, sentimos que não é só essa instância que precisa urgentemente ser reformada, vivemos uma crise institucional generalizada do nosso modelo democrático, por conta disso muitas vezes os diplomatas que representam os seus países em Nova Iorque não carregam consigo os ideais de seus constituintes em seus países de origem. Os meus questionamentos vão desde a legitimidade de campanhas eleitorais financiadas

por grupos de interesse, a busca inconsciente por lideranças políticas messiânicas (ao contrario de um modelo coletivo de tomada de decisão), atividade partidária fundamentada no sectarismo e no ódio até a estrutura das instituições e da divisão de poderes dentro do governo.

Por fim acredito que as mudanças vão acontecer sim por um grande ato de vontade coletiva após uma mudança de consciência de cada indivíduo ou, se não nos mexermos a tempo, depois de horrores inimagináveis. A escolha é nossa.